

Noite abençoada. Acordou em casa, restaurado, após uma vida cheia. Mas a casa tinha mudado. Com as portadas trancadas, a mobília coberta com lençóis, a toalha manchada de vinho sobre a mesa, a arca da roupa fechada a um canto, os reposteiros de veludo negro, esgarçados pela traça, tudo era outro e, ainda, o mesmo. Na penumbra, o volume dos móveis insinuava fantasmas. O pó, tornado um ser, animava o espaço, iluminado pela claridade através das frestas das janelas. A penumbra quase falava: *respira, filho, chegaste*. Um vestígio de alfazema seca perfumava o mofo. Ou seria cera? Os ouvidos sempre tinham sido melhores do que o nariz. Nenhum ruído, salvo os passos, o tactear do corredor. A lareira negra na qual restara o abafador de cobre, a panela de ferro na cinza pisada: gente muda. A mobília não saudou o seu regresso. Não tinha mais ninguém na vida. Sobrava-lhe a casa de jantar, a pequena saleta, os dois quartitos húmidos, a cozinha de tecto escuro aberta para a despensa, os frascos, caixas de farinha de milho bichada, garrafas de aguardente e o quintal, tomado pelas silvas, as urtigas e os cardos.

Vista de fora, a casa convidava a imaginação a dançar. Nos passeios de choupos que a ladeavam, a fachada caiada há anos espiava a rua com discrição. Coberta de hera, como de barbas, confundia-se com o quintal que, apesar do abandono, teimava em apontar na direcção do Sol e namorava os muros. A hu-

midade das plantas havia dado conta da areia das fundações, enchendo os tectos de bolor, comendo os rodapés, expondo as empenas dos telhados. Era a fome da Natureza que a comia aos poucos e o capitão, diante do seu fóssil, uma partícula dessa fome, que se estendia à rua e sublinhava a dimensão de sonho da arquitectura. Os telhados e os beirais haviam sido transformados pelo destino dos seus habitantes à medida que estes tinham partido e morrido. O mar, chegado da praia, mudara a casa, secando as vigas, nas quais agora, como na casca de um barco, o caruncho rejubilava, assim que a temperatura subia. Tornara-se aos poucos em coisa e fora perdendo o que a vontade humana nela tinha imprimido. Fora lambida pelo vento, como a costa, o areal e as florestas. A maresia havia curtido a sua pele e a dos seus donos. Não era mais uma pessoa, à imagem de quem a construía, mas um volume de pedra, cal e madeira.

As sebes escondiam a porta e os olhos fechados que eram as janelas.

Abriu as portadas e o ar entrou nela como um esconjuro. Os lençóis sobre os móveis esvoaçaram e o capitão teve medo de que a alma da casa saísse pela janela e se perdesse na rua. Fechou-as de novo e, em silêncio, respirou o pó.

Os mortos da casa deram-lhe licença para despertar. Da rua, entrava o perfume dos cardos ao sol, pressentia a seiva chegando à flor, leitosa e adstringente. O cheiro a terra aliviava o algodão. Uma lareira acesa na colina, madeira seca cerzida com ovos de aranha, ferrugem embebida em água, bolor, bedum, goma de laca. As notas iam e vinham ao sabor da brisa da porta entreaberta enquanto, de olhos fechados, o capitão espantava a sonolência. Que havia de fazer aos seus dias, agora que estava perto do fim? A casa materna não viajara, embora as suas paredes estivessem tismadas, como a pele do capitão. Não havia matado ninguém, apesar de ostentar cicatrizes, de conter dores mudas. Contava só com as tatuagens do tempo, com os ninhos das andorinhas, que tinham borrado os beirais dos telhados como se borra uma alma.

Os ovos de joaninha que agora eclodiam nos parapeitos das janelas, chocados pelo calor nos vidros foscos, nada lembravam das larvas dentro de olhos, das viagens. A casa e o herdeiro estavam velhos. Não sendo gente, era a companhia que ele não tratara de merecer, um jazigo para o seu coração.

Livrou-se da mobília carunchosa. Um mês depois da sua chegada, só sobravam duas cadeiras, o camiseiro, os quadros dos antepassados e a mesa, perto da lareira, à qual fazia as refeições e escrevinhava. As suas botas faziam ranger o soalho ressequido. Não o inquietava ouvir os próprios passos. A solidão era música para os seus ouvidos.

Obstinado, abriu as arcas da roupa das mulheres. Cavou uma vala e deitou nela os vestidos, as combinações, as toalhas, os lençóis, as colchas, as mantas, os travesseiros, os cueiros, as meias, os aventais, as luvas, os xailes e as toucas. Ateou-lhes fogo. Não houve nisso dramatismo algum. Viu crepitarem nas chamas as rendas de bilros derretidas e as bainhas e galões dos tecidos encardidos. Ardendo, a história dos labores diluía-se na cacimba. Os bordados acendiam o silvado e soltavam faíscas, num adeus para sempre sem direito a palmas.

Nem deitar-se todas as noites no colchão de palha fino da cama de ferro branco na qual a sua mãe havia morrido sem notícias suas, nem a saudade dela, que não sentia, o tinham perturbado, nem sequer nos primeiros meses. Não se deixava levar pelo chamariz do céu estrelado sobre a casa quando saía para fumar antes de regressar aos seus aposentos. As conversas na proa eram agora uma troca de assobios com os grilos e o ritmo do bicar de um cuco no tronco do pinheiro.

Contava com a monotonia saborosa dos seus hábitos de capitão velho, retornando à casa de família desagradado para morrer em descanso.

Era preciso tão pouco, companhia nenhuma. Descobriu a razão dos seus dias no quintal virado do avesso, abandonado pelo caseiro, também ele morto. Se ia a caminho de cegar, antes morrer consolado entre as plantas, rodeado de tons e aromas.

Recuperou a enxada e o ancinho da casinha dos arrumos. As ervas daninhas, como é próprio das plantas, tinham invadido o terreno. Nem mesmo os jarros que, como uma armada pernalta, despontavam, sadios, entre as atabuas penduradas no feijão-verde nascido ao acaso — num encavalgamento aleatório dos encantos da Primavera com as sobras do Outono e os despojos do Verão — e o bambu espreitando entre as pernas do azevinho, cuja folhagem geométrica, emaranhada na hera, estrangulava o vetusto carvalho de tronco enquistado, nem os seus elmos brancos e estiletos interrogativos escondiam que, suplicando por ordem, a missão do jardim desgovernado era penetrar nas frinchas das portas, apodrecer a água do poço com fungos venenosos, apoderar-se da mobília, entrar nas gavetas, alastrar os ramos até aos olhos dos quadros dos velhos e levar a memória do que fora a vida humana que um dia ali tinha habitado.

As plantas confusas não o levavam do quintal a mar alto. Tinha os pés assentes no mesmo agora que o havia mantido vivo nessas paragens. Não tinha a força de outrora, mas sobrava-lhe tanto tempo nas mãos calejadas. Saía para a monda pelas seis da manhã, quando o sol nascia, depois de uma xícara de chá bem escuro. Mondava até serem onze. Passava pelas brasas. Comia um naco de pão com uma rodela de chouriça. Quando não dormia de novo ou não ia até à vila, ou ao porto para o primeiro vento da tarde, mondava a tarde inteira, amontoando os cardos, as silvas, as folhas secas, arrancando da terra às mãos-cheias as raízes das pragas infatigáveis. Tirava água do

poço. Embebia o solo arenoso, revolvia-o com as mãos, dava-lhe água e tempo.

Mondava o seu caminho até à morte para se distrair de que as correntes, os céus, as plantas nos engolem a cada dia. Entranhas, sangue, cuspo, lágrimas, o primeiro choro, o último soluço, nada lhe era estranho. Ajardinar os mares adiaava o avanço que o queria tragar como os tubarões nos engolem. Queimara cabanas, cortara cabeças, espalhara a notícia. E o mundo, nada. As coisas, coisa nenhuma. As palmas das palmeiras rebentavam dos troncos, os cedros guardavam os ninhos dos beija-flores, os morcegos nas suas voltas e voltas caíam, diante dele, como testamentos queimados. Alma nenhuma podia interromper o curso das águas, estancar a corrente.

Mas algumas vieram para destruir. Temia enlouquecer do correr das horas, da cadência das ondas, a ampulheta no fundo de tudo era o seu antagonismo. As folhas novas a seguir às folhas secas, o fio novo na teia de aranha por onde passámos ontem, as gotas de chuva que agora cobrem as espigas dos pinheiros, mas amanhã já secaram, provas de que Deus não dorme. Queria parar o relógio porque participava nele, daí saber do segredo: que a Natureza conspira para nos adormecer, que no fim do mundo não há gente, só troncos doentes pelo chão, as mãos dos peixes, um caldo de nenúfares e baratas, ervas, esqueletos de ratos, fungos, cobras que comem espinhas, um caudal de domingos.

A mesmidão ao leme colava-se aos músculos até os olhos serem anulados pelo sonho. Era quando Celestino deixava de ser gente. O seu perfil esbatia-se nas gotículas soltadas pela espuma, a barba levada pelo vento, a pele polida como o interior de uma lapa. O espírito do mar atordoava-o, drogado do iodo e da ventania. O mar envernizara-o como ele às carrancas do navio. As ondas empinando a proa vergavam-no à degradação. Tudo o mesmo a todas as horas. O Sol, a Lua, o vento nas velas, que o danava, os dias desdobrados uns nos outros, caras, trapos, rapé, dedos.